



Estudo de Competitividade da Fabricação de Móveis Fluminense no Contexto Nacional

Para entender o papel do estado do Rio na Indústria de Móveis do país, apresenta-se um olhar integrado de variáveis e players do mercado através de temas como produção, mercado de trabalho, composição da cadeia, comércio exterior e indicadores de desempenho.

Sumário

Introdução	3
Evolução da produção Industrial	4
Importações de Móveis.....	6
Exportações de Móveis.....	8
Market Share de consumo interno.....	10
Perfil da Atividade Econômica: Estabelecimentos e Empregos	12
Remuneração e Escolaridade dos Trabalhadores Formais	15
Desempenho: Produtividade e Custo unitário da produção	17
Indícios de futuro: Atualização tecnológica	20
Cadeia de fornecedores	22
Conclusão.....	25

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro.

Presidente: Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Vice-Presidente Executivo:** Ricardo Maia; **Diretor Executivo de Marketing e Negócios:** Flávio Dantas. **Gerente-Geral de Planejamento de Marketing:** Glícia Carnevale; **Gerente de Estratégia de Marketing e Portfólio:** Tatiana Sanchez; **Equipe Técnica da Divisão de Pesquisa e Estatística:** Isabela Knupp, Marcio Felipe Afonso e Marcos Henrique Acruche.

Introdução

A análise da competitividade setorial não é simples nem trivial. Um movimento de expansão da produção não necessariamente significa ganho de produtividade e nem de mercado, ao mesmo tempo que flutuações negativas não condenam ao fracasso o desempenho do setor. Movimentos de conjuntura econômica podem mascarar o real cenário produtivo, já que em um contexto de aumento do desemprego, declínio da demanda, ou até mesmo a redução do seu ritmo de crescimento, podem ser erroneamente confundidos com perda de competitividade. Sobretudo, quando se olha apenas para o próprio desempenho, sem considerar flutuações nos mercados ao redor, ou quando a análise se restringe a indicadores descontextualizados.

Com a finalidade de entender o papel do estado do Rio de Janeiro na Indústria de Móveis do Brasil busca-se um olhar integrado de variáveis e players do mercado nacional através de temas como evolução da produção, mercado de trabalho, composição do mercado e da cadeia, comércio exterior e indicadores de desempenho. A partir disso, é possível averiguar o quão competitiva é a indústria de móveis fluminense frente aos demais estados e quem são aqueles que despontam no cenário nacional.

Para essa análise, foi considerada a divisão 31 da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) - Fabricação de Móveis e todas suas atividades - *Quadro 1*. As comparações focaram a média brasileira e, exceto quando explicitado de outra forma, os estados com maior produção e mercado de trabalho do setor moveleiro: **São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, Goiás, Bahia, Espírito Santo, Pernambuco e Ceará.**

Quadro 1:

Atividades Econômicas que compõem o setor de **Fabricação de móveis**

- 3101-2 | Fabricação de móveis com predominância de madeira
- 3102-1 | Fabricação de móveis com predominância de metal
- 3103-9 | Fabricação de móveis de outros materiais, exceto madeira e metal
- 3104-7 | Fabricação de colchões

Evolução da Produção Industrial

O valor bruto da produção industrial (VBP)¹ representa o valor agregado gerado por um setor na economia, acrescido dos insumos utilizados no processo industrial daquela atividade. Representa a riqueza gerada pelo setor através da transformação industrial e o montante que ele movimenta em todos os elos de sua cadeia de fornecedores. Dessa forma, configura-se como o mais importante indicador para mensurar o tamanho e a relevância de uma indústria na economia brasileira.

Especificamente na indústria de móveis, foco deste estudo, o valor bruto da produção industrial nacional foi de R\$ 28,4 bilhões em 2016, segundo o IBGE. A partir da tabela 1, é possível observar o quanto cada unidade da federação contribuiu para o VBP da indústria de móveis brasileira em 2016.

São Paulo (26,3%) e Rio Grande do Sul (22,1%) lideram a produção industrial brasileira de móveis e juntos respondem por quase metade da produção nacional. Na sequência, também se destacam Paraná (15,2%), Minas Gerais (10,4%) e Santa Catarina (9,2%). Por sua vez, o Rio de Janeiro ocupa a 6ª posição no ranking de maiores produtores de móveis do Brasil, respondendo por 2,7% do total brasileiro: R\$ 778,7 milhões.

O estado do Rio, contudo, encontra-se em um patamar consideravelmente inferior aos cinco estados que o superam em valor produzido. A produção fluminense de móveis é menos que um terço que a observada em Santa Catarina, estado imediatamente acima no ranking, e praticamente um décimo da registrada em São Paulo, maior produtor nacional de móveis.

Apesar disso, a análise evolutiva revela um cenário positivo para o estado do Rio nos últimos anos. Entre 2007 e 2016, a produção industrial de móveis no Brasil cresceu apenas 6,3% em termos reais. Em contraste, o Rio de Janeiro registrou o maior

Tabela 1: Participação dos estados no VBP do setor de fabricação de móveis no Brasil em 2016

UF	VBP (R\$ em bi)	Participação no Brasil
SP	R\$ 7,5	26,3%
RS	R\$ 6,3	22,1%
PR	R\$ 4,3	15,2%
MG	R\$ 2,9	10,4%
SC	R\$ 2,6	9,2%
RJ	R\$ 0,8	2,7%
GO	R\$ 0,7	2,3%
BA	R\$ 0,6	2,1%
PE	R\$ 0,6	2,0%
ES	R\$ 0,5	1,6%
Outros	R\$ 1,7	6,0%
Brasil	R\$ 28,4	

Fonte: PIA/IBGE

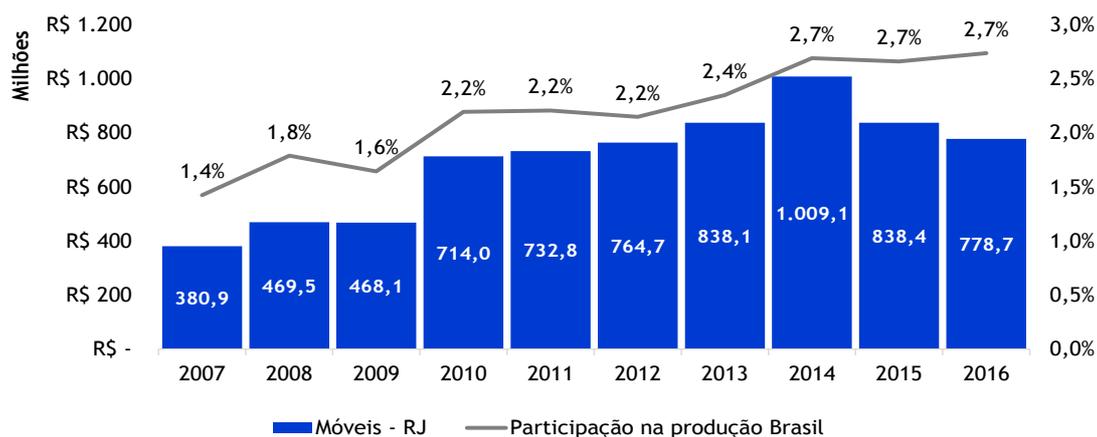
¹ A Pesquisa Industrial Anual (PIA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) disponibiliza dentre outras informações o Valor Bruto da Produção Industrial dos principais setores econômicos para as unidades da federação. A última atualização da pesquisa, realizada em 2018, refere-se ao ano-base de 2016.

crescimento entre os 10 maiores produtores de móveis², duplicando seu valor bruto de produção (+104,5%), em termos reais. Foi esse avanço que possibilitou ao estado passar da 10ª para a 6ª posição no ranking de maiores produtores de móveis do país em 10 anos, superando os estados de **Goiás, Bahia, Pernambuco e Espírito Santo**.

É importante notar que o avanço da produção fluminense nesse período não reflete um processo contínuo de crescimento da produção. Entre 2007 e 2014, a produção seguiu trajetória ascendente com um salto real de 164,9%, enquanto a produção nacional evoluiu 40,2% na mesma comparação. Entretanto, com o agravamento da crise econômica, entre 2014 e 2016 a produção de móveis fluminense recuou 22,8%, em linha com a redução observada no Brasil como um todo (-24,2%).

Com a combinação desses dois movimentos distintos, o estado do Rio quase duplicou sua participação na produção brasileira de móveis entre 2007 e 2014 (de 1,4% para 2,7%) e logrou manter-se nesse patamar mesmo nos anos de queda - **Gráfico 1**.

Gráfico 1: Evolução do setor de Fabricação de Móveis da Indústria Fluminense na Produção Industrial nacional (Valores Reais a preços de 2016)



Fonte: PIA/IBGE | Deflator: IPA-OG - FGV

De fato, o avanço real da produção entre 2007 e 2014 e o arrefecimento a partir de 2015 foi um cenário observado em todos os grandes produtores de móveis do país. Contudo, no acumulado de 2007 a 2016 os resultados foram distintos.

No saldo do período analisado, **São Paulo**, o maior estado produtor, apresentou estabilidade em seu volume de produção (-0,3%). Como consequência, sua participação no setor foi reduzida em 1,7 pontos percentuais. Situação similar foi verificada no **Paraná**, cujo volume de produção em 2016 foi 5,0% inferior ao registrado em 2017, o que ocasionou a maior perda de participação (-1,8 p.p.) do

² Entre todas as unidades da federação, apenas a indústria moveleira de Alagoas registrou salto superior ao fluminense (+197,3%), porém ainda é bastante incipiente: em 2016, produziu apenas R\$ 47 milhões.

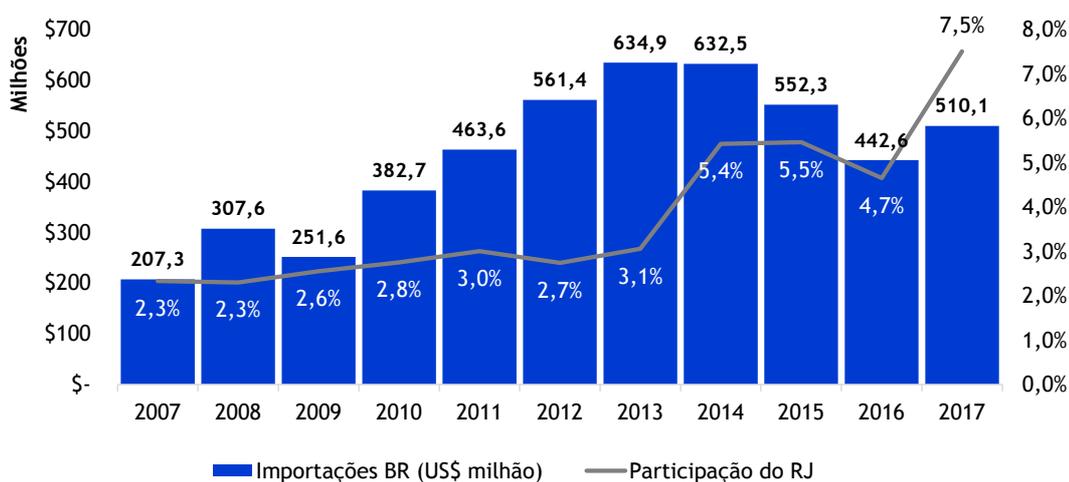
país. Nesse cenário, assim como o estado do Rio, o **Rio Grande do Sul** vem ganhando espaço, dado que apresentou um crescimento real na produção industrial de 16,9% entre 2007 e 2016. Como consequência, teve sua participação na produção do país elevada em 2,0 p.p., aproximando-se cada vez mais de São Paulo.

Importações de Móveis

Importados também se configuram como concorrentes diretos da produção nacional, sendo assim, é pertinente observar os fluxos e volumes para entender como este mercado influencia - direta ou indiretamente - o mercado interno e a competitividade dos estados. A hipótese por trás desta análise é simples: se foi comprado de fora, deixou de ser produzido dentro.

O **gráfico 2** exibe a evolução das importações brasileiras de artigos de mobiliário, assim como a participação do estado do Rio nessas compras externas. Em movimento similar ao destacado na análise do valor bruto da produção, as importações de móveis do Brasil apresentaram tendência de crescimento até 2013, com estabilidade em 2014, e quedas em 2015 e 2016. Em 2017, já se observa recuperação na aquisição de itens de mobiliário do exterior, ainda que o volume não tenha retornado ao seu nível pré-crise.

Gráfico 2: Evolução das Importações Brasileiras de Móveis (em US\$) e Participação do RJ



Fonte: Comex Stat / MDIC

Sob a ótica dos produtos importados, historicamente as **partes de assentos** são o principal item na pauta importadora, respondendo por 61% do valor importado

nacionalmente³. Ou seja, a maior parte das importações se destina às próprias indústrias de móveis, que incorporam essas partes de assentos importadas ao seu processo produtivo, beneficiando-as e fabricando produtos de maior valor agregado, e não concorrem diretamente com os produtos finais do setor.

Com efeito, os maiores importadores de artigos de mobiliário são justamente grandes estados produtores do país, ainda que em proporções diferentes - **tabela 2**. São Paulo é responsável por quase metade do valor importado (48,5%), seguido pelo Paraná (11,3%), Santa Catarina (9,2%) e Rio Grande do Sul (7,5%). Nesse cenário, o estado do Rio de Janeiro ganhou participação nas importações brasileiras de móveis, respondendo por 7,5% do total em 2017.

Tabela 2: 10 Maiores Importadores de Artigos do Móveis em 2017 (em US\$)

UF	Importações	Part.
SP	\$ 247.218.382	48,5%
PR	\$ 57.619.258	11,3%
SC	\$ 46.914.123	9,2%
RS	\$ 38.318.182	7,5%
RJ	\$ 38.303.313	7,5%
PE	\$ 25.953.099	5,1%
BA	\$ 24.460.316	4,8%
MG	\$ 10.274.111	2,0%
GO	\$ 9.375.846	1,8%
RO	\$ 4.948.375	1,0%
Outros	\$ 6.748.395	1,3%
Brasil	\$ 510.133.400	

Fonte: Comex Stat / MDIC

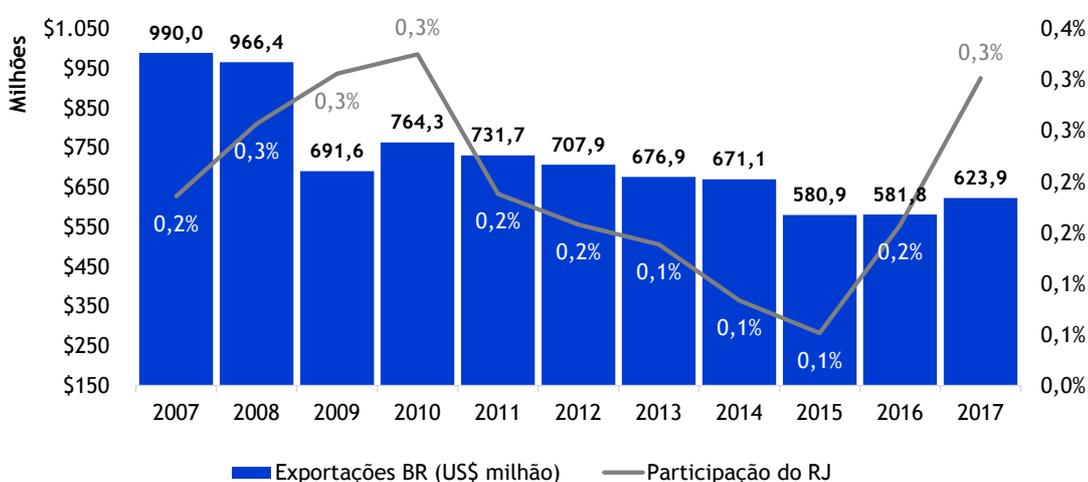
Em relação às origens das importações brasileiras, no início do período analisado o Brasil tinha como principais fornecedores a Alemanha e os Estados Unidos. De forma distinta, o Rio de Janeiro adquiria esses produtos através da França e da Espanha principalmente. Atualmente, México e China são os principais fornecedores tanto a nível nacional como estadual. Essa mudança na comercialização dos importados ocorreu após o Brasil estreitar suas relações com os países que pertencem ao grupo político de cooperação chamado BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), como também através de avanços em acordos comerciais bilaterais celebrados entre o Mercosul e outros países, tais como o México.

³ Para se ter uma ideia, entre os 10 maiores importadores de móveis do país, apenas em Rondônia esse não é o principal item, onde predominam as importações de “assentos giratórios, de altura ajustável”.

Exportações de Móveis

Por sua vez, as exportações de móveis apresentaram movimento distinto. O **Gráfico 3** exhibe mudanças para um patamar mais baixo em 2009 e, posteriormente, em 2015. Desde então, contudo, as exportações ficaram praticamente estáveis. Diante da combinação desses movimentos, o valor exportado nacionalmente reduziu 37,0% entre 2007 e 2017. Nesse cenário, a parcela da produção de móveis brasileira que se destina ao exterior recuou de 12,0% em 2007 para 7,1% em 2016 (último ano com informações sobre a produção industrial).

Gráfico 3: Evolução das Exportações Brasileiras de Móveis (em US\$) e Participação do RJ



Fonte: Comex Stat / MDIC

Assim como identificado nas importações, observou-se uma mudança no perfil dos principais parceiros comerciais da indústria de móveis brasileira. Houve uma redução das vendas para os países desenvolvidos (**Estados Unidos, França, Espanha e Alemanha**) e para **Angola**. Nos últimos anos, o maior consumo dos países do Mercosul, especialmente **Peru, Uruguai, Paraguai e Bolívia**, evitou uma queda mais contundente das exportações. Em 2007, esses quatro países representavam 4,6% das vendas externas, e em 2017 atingiram 22,6%.

Apesar disso, o padrão de consumo não se alterou. Ao longo de todo período analisado, o desempenho das exportações brasileiras de móveis é ditado pela dinâmica do segmento de **móveis de madeira**. Entre 2007 e 2017, as exportações de móveis desse material têm oscilado em torno de 80% do total.

Na visão estadual, os estados do sul do país concentram as exportações, seguidos por São Paulo - **tabela 3**. Em conjunto, esses quatro estados respondem por 93,6% das exportações de móveis brasileiras, realidade historicamente observada. Nesse

contexto, o **Rio de Janeiro** possui desempenho tímido, sendo responsável por apenas 0,3% das exportações nacionais.

Tabela 3: 10 Maiores Exportadores de Artigos de Mobiliário em 2017 (em US\$)

UF	Exportação	Part.
SC	\$ 228.112.780	36,6%
RS	\$ 187.951.975	30,1%
PR	\$ 93.485.779	15,0%
SP	\$ 74.378.855	11,9%
MG	\$ 20.723.298	3,3%
BA	\$ 5.319.494	0,9%
ES	\$ 4.309.185	0,7%
PE	\$ 2.772.468	0,4%
RJ	\$ 1.883.387	0,3%
GO	\$ 1.357.756	0,2%
Outros	\$ 3.632.716	0,6%
Brasil	\$ 623.927.693	

Fonte: Comex Stat / MDIC

Santa Catarina, além de ser o maior exportador brasileiro de móveis é também o estado onde a maior parcela da produção é voltada para o mercado externo. Em 2016, 27,3% do valor total produzido pelas indústrias moveleiras catarinenses foi destinado ao exterior. No **Rio Grande do Sul**, esse percentual foi de 9,9%.

Ao longo dos últimos 10 anos, o Brasil ainda logrou saldos positivos na balança comercial de artigos de mobiliário, todavia esse cenário tem se alterado gradativamente. Como dito, o percentual da produção voltado à exportação tem se reduzido nos últimos anos, em linha com a redução dos superávits comerciais da indústria moveleira brasileira. Para se ter uma ideia, em 2007, as importações se equiparavam a apenas 20,9% do valor das exportações e, em 2017, esse percentual foi de 81,8%.

Market Share do Consumo Interno

A visão combinada da produção interna e dos fluxos do comércio exterior, apresentadas anteriormente, viabiliza a análise do *market share* do consumo interno na indústria de móveis brasileira. Esse indicador mensura a contribuição de cada estado na oferta nacional de artigos de mobiliário, mostrando também a penetração dos produtos importados frente à produção nacional.

O consumo nacional total de artigos de mobiliário é obtido através dos dados de produção interna (VPB), subtraída da parcela remetida ao exterior através das exportações e acrescida da demanda suprida pelas importações. A **Tabela 4** abaixo mostra a evolução da participação dos 10 maiores estados produtores e das importações de móveis no suprimento do consumo interno do setor.

Tabela 4: Market Share do Consumo Interno do setor de móveis brasileiro | Produção UF e Importação BR

UF	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
SP	29,2%	26,9%	28,5%	26,5%	26,9%	24,2%	24,4%	24,8%	24,5%	25,8%
RS	18,4%	20,6%	16,5%	20,4%	19,4%	17,8%	19,9%	19,3%	19,3%	20,2%
PR	17,3%	16,3%	15,9%	15,1%	15,9%	19,7%	15,6%	15,9%	15,1%	14,5%
MG	11,7%	11,6%	13,3%	12,5%	11,0%	11,0%	11,0%	10,6%	9,6%	10,2%
SC	5,1%	5,2%	5,5%	6,0%	5,2%	5,5%	6,0%	6,2%	7,2%	6,8%
Importações	2,8%	3,4%	2,8%	3,0%	3,2%	4,0%	4,6%	4,7%	6,2%	5,5%
RJ	1,6%	1,9%	1,7%	2,2%	2,2%	2,2%	2,4%	2,7%	2,7%	2,8%
GO	1,6%	1,8%	2,2%	2,1%	2,4%	2,5%	2,8%	2,7%	2,5%	2,4%
BA	2,3%	2,1%	2,5%	2,3%	2,2%	1,9%	2,5%	2,0%	2,0%	2,1%
PE	1,7%	1,8%	2,0%	2,1%	2,1%	2,1%	2,0%	2,0%	1,9%	2,1%
ES	2,3%	2,0%	1,9%	1,7%	2,0%	1,9%	1,9%	2,5%	2,5%	1,6%
Demais UF's	8,3%	8,4%	9,1%	7,8%	9,5%	9,0%	8,9%	9,2%	9,1%	7,6%

Fonte: PIA/IBGE e Comex Stat / MDIC

Ainda que o consumo nacional seja abastecido quase integralmente pela produção doméstica, percebe-se que a participação das importações é crescente e, apesar da queda no último ano, teve seu valor quase dobrado entre 2007 e 2016 - de 2,8% para 5,5%. Para se ter uma ideia, se fossem um estado brasileiro, as importações sozinhas seriam o sexto maior produtor de móveis do país.

Como destacado anteriormente, a maior parte das importações de artigos de mobiliário no Brasil se destinam à transformação na indústria nacional e não à distribuição e venda direta aos consumidores finais. A utilização de insumos e partes estrangeiras na indústria nacional não é algo incomum e nem elemento nocivo à estrutura produtiva doméstica por si só. Contudo, o avanço do *market share* das importações, ainda que relativamente modesto, deve ser acompanhado com atenção,

uma vez que sua expansão mais intensa pode indicar a substituição da produção nacional por artigos estrangeiros. Mais do que acompanhar a evolução em termos percentuais, é necessário acompanhar o perfil dos produtos importados.

Ademais, cabe frisar que a escalada do câmbio também pode ajudar a explicar os percentuais mais elevados do *market share* das importações, especificamente em 2015 e 2016. Porém a tendência de avanço da participação do mercado estrangeiro no consumo interno já existia antes disso, quando o valor do real em relação ao dólar apresentava considerável estabilidade.

Na análise evolutiva das unidades da federação, o *market share* do estado de **São Paulo** foi o que mais perdeu espaço no cenário nacional: caiu de 29,2% em 2007 para 25,8% em 2016. No sentido oposto, destacaram-se **Rio Grande do Sul** e **Santa Catarina**. Eles apresentaram crescimentos de 1,9 p.p. e 1,7 p.p. de *market share*, respectivamente, e foram os estados brasileiros que tiveram os maiores avanços em pontos percentuais.

Por sua vez, impulsionado pelo forte avanço da produção no período, o *market share* do **Rio de Janeiro** quase duplicou, avançando de 1,6% para 2,8% - ainda assim o estado permanece pouco representativo no contexto nacional. Já o estado de **Goiás** chegou a superar o *market share* fluminense em 2009 e de 2011 a 2013, porém desde 2014 apresenta recuos nesse indicador, se distanciando do Rio de Janeiro.

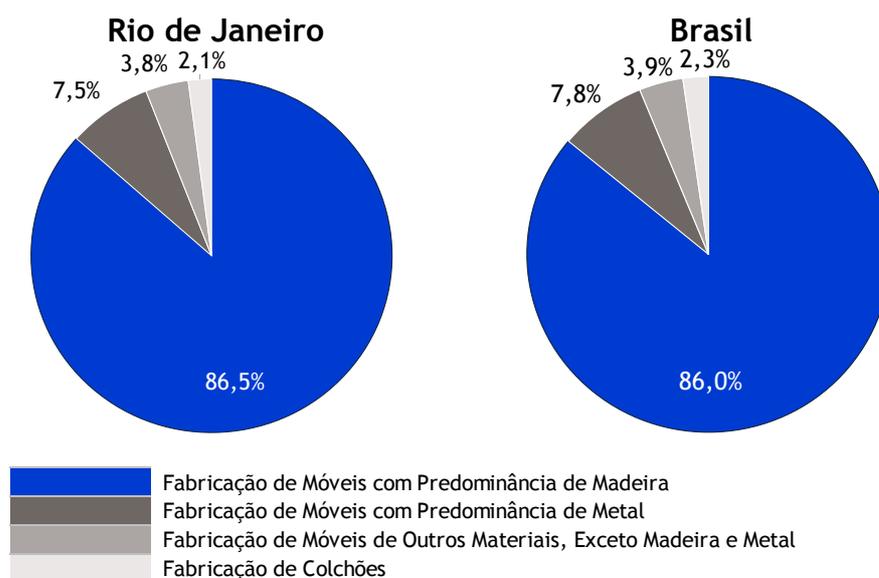
A análise de *market share* mostra um retrato agregado de cada estado, no entanto, não é suficiente para assegurar a competitividade e sustentabilidade do setor no longo prazo nem explica per si os movimentos observados. Faz-se então necessário jogar luz sobre as diferentes composições de atividades econômicas entre e dentro das unidades da federação bem como outras características intrínsecas ao processo produtivo, como o perfil da mão de obra, produtividade, custo do trabalho e presença de cadeia de fornecedores.

Perfil da Atividade Econômica: Estabelecimentos e Empregos

Os dados de mercado de trabalho são um complemento importante à visão da produção industrial apresentada até agora, uma vez que a maior granularidade das estatísticas oficiais permite um olhar mais particular sobre as atividades que compõem a indústria moveleira brasileira e dos estados.

De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em 2016 o estado do Rio respondia por 676 (3,1%) dos 21,8 mil estabelecimentos formais atuando na fabricação de móveis no Brasil. A distribuição das empresas entre as atividades que compõem o setor de fabricação de móveis é similar no Brasil e no estado do Rio, com concentração na atividade *Fabricação de Móveis com Predominância de Madeira*.

Gráfico 4: Distribuições dos Estabelecimentos da Fabricação de Móveis - RJ e BR



Fonte: RAIS/MTE

Considerando o agregado da indústria moveleira, esses estabelecimentos são prevalentemente **microempresas** (91,6%) e empresas de **pequeno porte**⁴ (7,1%), quadro que não difere do padrão verificado entre as unidades da federação no setor e na Indústria de Transformação como um todo.

Essa configuração, contudo, varia quando as atividades que compõem o setor são analisadas isoladamente. A **Tabela 5** mostra que as atividades de *Fabricação de Colchões* e *Fabricação de Móveis com Predominância de Metal* registram menor

⁴ Microempresas: até 19 empregados; Pequeno Porte: de 20 a 99 empregados; Médio Porte: de 100 a 499 empregados; Grande Porte: 500 ou mais empregados.

concentração de microempresas do que a *Fabricação de Móveis com Predominância de Madeira* e de *Outros Materiais*, tanto no Brasil quanto no estado do Rio.

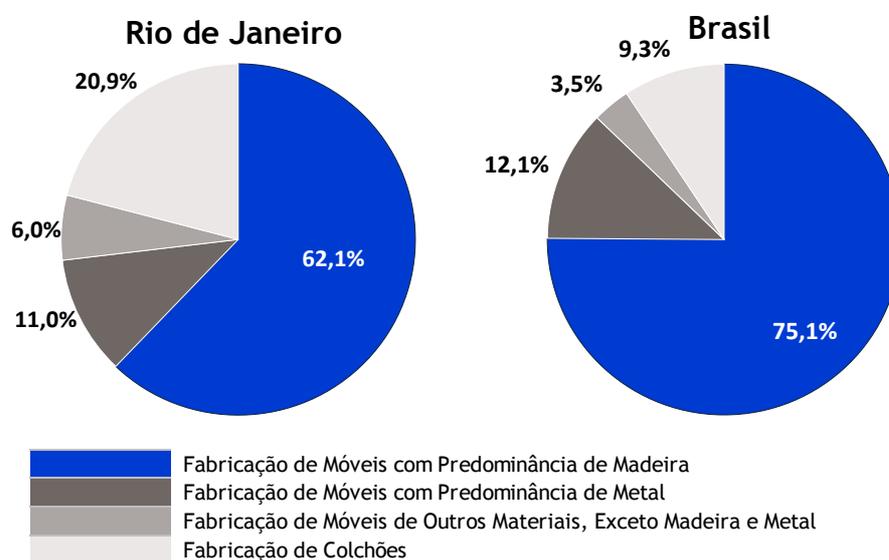
Tabela 5: Distribuição dos Estabelecimentos por porte e segmento da Indústria de Móveis

Segmento	Micro		Pequeno		Médio		Grande	
	RJ	BR	RJ	BR	RJ	BR	RJ	BR
Fabricação de Móveis com Predominância de Madeira	93,3%	91,7%	6,0%	6,9%	0,7%	1,3%	0,0%	0,1%
Fabricação de Móveis com Predominância de Metal	80,4%	80,3%	15,7%	17,1%	3,9%	2,6%	0,0%	0,1%
Fabricação de Móveis de Outros Materiais, Exceto Madeira e Metal	88,5%	90,2%	7,7%	8,5%	3,8%	1,3%	0,0%	0,0%
Fabricação de Colchões	64,3%	71,0%	21,4%	18,1%	7,1%	9,9%	7,1%	1,0%
Total	91,6%	90,3%	7,1%	8,0%	1,2%	1,6%	0,1%	0,1%

Fonte: RAIS/MTE

Sob a ótica dos profissionais da indústria moveleira, o Brasil emprega 234,8 mil trabalhadores com carteira assinada, dos quais 6.924 (2,9%) estão no Rio de Janeiro. Isso faz do estado o sexto maior mercado de trabalho do setor no país, em linha com sua posição entre os produtores. O **gráfico 5** exibe a distribuição dos empregos formais entre as atividades da indústria moveleira no Brasil e no estado do Rio.

Gráfico 5: Distribuições dos Empregos da Fabricação de Móveis - RJ e BR



Fonte: RAIS/MTE

Ainda que a produção de móveis de madeira também predomine nessa análise, os móveis de metal e os colchões possuem representatividade em número de empregados consideravelmente superior à observada no quantitativo de estabelecimentos, em linha com o perfil diferenciado de porte entre os segmentos, conforme evidenciado anteriormente.

Em especial, chama atenção a alta concentração de mão de obra em poucas empresas na fabricação de colchões no estado do **Rio de Janeiro**. Para se ter uma ideia, a razão entre o número de trabalhadores e estabelecimentos formais nas indústrias de colchões fluminenses é de 104 profissionais/empresa, frente a 44 nesse segmento a nível nacional e a apenas 10 no consolidado do setor moveleiro estadual.

Tabela 6: Distribuição dos Empregos do Setor de Fabricação de Móveis em 2016
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Fabricação de Móveis com Predominância de Madeira	Fabricação de Móveis com Predominância de Metal	Fabricação de Colchões	Fabricação de Móveis de Outros Materiais	Setor de Móveis
SP	70,2%	19,8%	7,3%	2,7%	53.687
RS	81,9%	10,5%	3,0%	4,7%	35.414
PR	80,5%	8,9%	6,9%	3,6%	34.561
MG	76,9%	12,8%	7,0%	3,3%	30.839
SC	91,6%	2,7%	4,3%	1,5%	27.378
RJ	62,1%	11,0%	20,9%	6,0%	6.924
GO	54,9%	12,8%	29,7%	2,7%	6.733
BA	54,9%	9,8%	28,0%	7,4%	6.551
CE	62,5%	16,8%	13,9%	6,8%	6.089
ES	82,2%	13,5%	2,9%	1,3%	4.756
Demais UF's	62,9%	10,9%	22,4%	3,8%	21.911
Brasil	75,1%	12,1%	9,3%	3,5%	234.843

Fonte: RAIS/MTE

No saldo dos dez anos compreendidos entre 2007 e 2016, o tamanho da indústria de móveis no Brasil mudou muito pouco. Os movimentos observados no mercado de trabalho mostram que o número de empregos oscilou de 225,5 mil em 2007 para 234,8 mil em 2016, fortemente influenciado pela conjuntura econômica ao longo desse período. Movimento observado em praticamente todos os estados.

São Paulo foi quem mais recuou, passando de uma participação de 24,7% para 22,9% da força de trabalho, enquanto **Goiás** foi quem mais ganhou espaço nessa comparação, passando de 2,1% dos empregos na indústria de móveis em 2007 para 2,9% em 2016. Nesse contexto, a participação do estado do **Rio de Janeiro** ficou praticamente inalterada, oscilando ao redor dos 3,0% no período.

Pela ótica dos segmentos da indústria do móveis, contudo, o movimento observado no estado do Rio de Janeiro se descola do observado nacionalmente. Observou-se o avanço dos trabalhadores atuando na fabricação de colchões (de 11,2% em 2007 para 20,9% do total de empregos no estado) e de móveis de metal (de 7,0% para 11,0%), enquanto perderam participação a fabricação de móveis de madeira (de 72,5% para 62,1%) e de outros materiais (de 9,2% para 6,0%).

Essa mudança no perfil da força de trabalho pode ajudar a explicar os ganhos de *market share* do estado do Rio no período analisado. Por outro lado, é importante ressaltar que a redução da força de trabalho de um segmento específico (e de sua participação no estado) não implica necessariamente na redução de sua produção, uma vez que há outros fatores que a influenciam, como a produtividade do trabalho, que será abordada mais adiante nesse estudo.

Remuneração e Escolaridade dos Trabalhadores Formais

A remuneração média dos profissionais fluminenses do setor de fabricação de móveis em 2016 foi de R\$ 1.809, a quarta maior do país, bem próxima à média nacional (R\$1.801). Tendo o INPC como deflator, entre 2007 e 2016, o salário no **Rio de Janeiro** foi o que mais se valorizou em termos reais, com crescimento de 47,9%, percentual acima da variação média nacional (+30,8%).

Tabela 7: Distribuição dos salários médios do Setor de Fabricação de Móveis em 2016
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Fabricação de móveis com predominância de madeira	Fabricação de móveis com predominância de metal	Fabricação de colchões	Fabricação de móveis de outros materiais, exceto madeira e metal	Setor de Móveis
RS	R\$ 2.069	R\$ 2.419	R\$ 2.631	R\$ 1.699	R\$ 2.105
SP	R\$ 1.972	R\$ 2.162	R\$ 2.194	R\$ 2.016	R\$ 2.027
PR	R\$ 1.787	R\$ 1.979	R\$ 2.126	R\$ 1.763	R\$ 1.827
RJ	R\$ 1.619	R\$ 1.993	R\$ 2.313	R\$ 1.691	R\$ 1.810
SC	R\$ 1.669	R\$ 1.879	R\$ 2.064	R\$ 1.505	R\$ 1.689
GO	R\$ 1.507	R\$ 1.744	R\$ 1.955	R\$ 1.224	R\$ 1.663
BA	R\$ 1.202	R\$ 1.319	R\$ 2.384	R\$ 1.678	R\$ 1.579
ES	R\$ 1.555	R\$ 1.761	R\$ 1.390	R\$ 1.331	R\$ 1.575
MG	R\$ 1.501	R\$ 1.720	R\$ 1.908	R\$ 1.695	R\$ 1.564
CE	R\$ 1.076	R\$ 1.077	R\$ 2.503	R\$ 1.189	R\$ 1.282
Brasil	R\$ 1.743	R\$ 1.959	R\$ 2.112	R\$ 1.672	R\$ 1.801

Fonte: RAIS/MTE

O valor da remuneração média da indústria de móveis fluminense é inferior ao observado no **Rio Grande do Sul** (R\$ 2.105) e **São Paulo** (R\$ 2.027), maiores estados produtores de móveis do país. É importante notar que, quando considerada apenas a atividade de *Fabricação de móveis com predominância de madeira*, a mais representativa no país e no estado do Rio, a remuneração dos trabalhadores fluminenses também fica atrás da registrada no **Paraná** e em **Santa Catarina**, estados que também apresentam produção de móveis superior à fluminense.

Sob a ótica da escolaridade, os trabalhadores fluminenses que atuam na fabricação de móveis possuem formação média inferior à nacional: o percentual de profissionais do setor com **Ensino Médio** ou **Superior completos** é de 54,0% no **Rio de Janeiro**, frente a 57,4% no Brasil como um todo.

Cabe frisar que, apesar de uma força de trabalho mais escolarizada ser um objetivo desejável em qualquer setor econômico, na indústria de móveis essa variável não parece ser por excelência um limitador ou impulsionador da competitividade setorial. Prova disso é que os dois maiores produtores de móveis do país apresentam cenários distintos nessa análise: **São Paulo** possui uma das forças de trabalho mais escolarizadas do setor no país, enquanto o **Rio Grande do Sul** apresenta indicador inferior à média nacional, abaixo inclusive do observado no Rio de Janeiro.

Tabela 8: Distribuição da Escolaridade no Setor de Fabricação de Móveis em 2016
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Até fund. incompleto	Fund. completo	Médio completo	Superior completo	Médio + Superior
BA	12,1%	21,5%	63,5%	2,8%	66,4%
SP	11,3%	22,8%	60,5%	5,5%	66,0%
ES	15,1%	24,7%	55,3%	4,8%	60,2%
GO	13,1%	27,7%	55,1%	4,1%	59,2%
PR	16,1%	27,1%	51,4%	5,3%	56,7%
CE	17,6%	27,0%	53,1%	2,4%	55,5%
SC	17,5%	28,4%	49,4%	4,7%	54,0%
RJ	15,4%	30,7%	49,9%	4,0%	54,0%
RS	19,5%	26,6%	48,0%	6,0%	53,9%
MG	24,5%	30,1%	41,5%	4,0%	45,4%
Brasil	16,4%	26,2%	52,6%	4,8%	57,4%

Fonte: RAIS/MTE

Não obstante, analisar a evolução dos indicadores de escolaridade pode trazer indícios sobre como o setor tem se renovado e/ou qualificado ao longo dos anos. Por esse prisma, o estado do Rio se destaca positivamente. O percentual de profissionais com nível médio ou superior completo na indústria de móveis fluminense subiu de 26,6% em 2007 para 54,0% na última medição. Esse salto de 27,4 pontos percentuais foi o maior entre os 10 maiores mercados de trabalho do setor e supera o avanço observado na Indústria de Transformação fluminense no mesmo período (+22,0 p.p.).

Desempenho: Produtividade e Custo unitário do trabalho

Com o objetivo de investigar o que possibilitou o alcance dos resultados da produção industrial fluminense de móveis, entraremos mais a fundo na análise de desempenho da produção dos dez maiores mercados de trabalho de móveis do país.

O índice de produtividade do trabalho é medido pelo Valor da Transformação Industrial (VTI) em relação ao Pessoal Ocupado, o valor encontrado representa o quanto um empregado gera de valor agregado na produção da empresa. Conforme observado na **Tabela 9**, todos os dez maiores mercados de trabalho do setor registraram aumento na produtividade real do trabalho entre 2007 e 2016, resultando em um avanço nacional de 23,2%, em termos reais.

Tabela 9: Produtividade Real do Trabalho - R\$ mil/Trabalhador do setor de Fabricação de Móveis - 10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

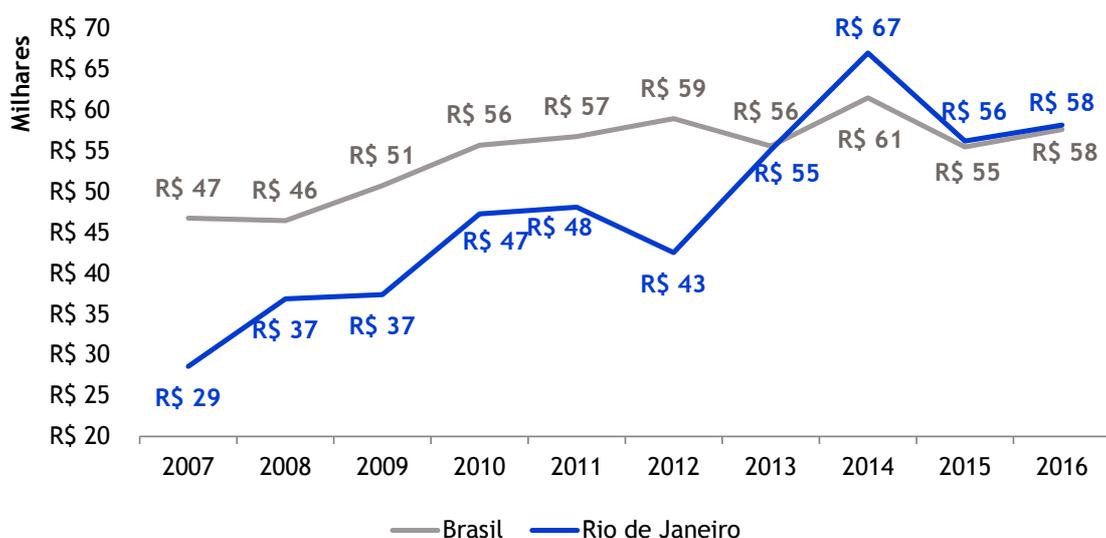
UF	2007	2016	Variação
RS	R\$ 61,71	R\$ 79,45	28,7%
SP	R\$ 55,79	R\$ 67,35	20,7%
PR	R\$ 53,03	R\$ 63,18	19,2%
RJ	R\$ 28,57	R\$ 58,15	103,5%
ES	R\$ 35,36	R\$ 49,22	39,2%
BA	R\$ 35,81	R\$ 48,97	36,7%
SC	R\$ 33,60	R\$ 46,09	37,2%
GO	R\$ 37,07	R\$ 43,13	16,3%
MG	R\$ 36,42	R\$ 40,35	10,8%
CE	R\$ 22,79	R\$ 31,18	36,8%
Brasil	R\$ 46,75	R\$ 57,60	23,2%

Fonte: PIA/IBGE | Deflator: IPA-OG - FGV

Os três maiores estados produtores de móveis do país se destacam por registrarem também os maiores indicadores de produtividade do trabalho em 2016. Segundo maior fabricante de móveis do Brasil em termos de valor produzido, o **Rio Grande do Sul** (R\$ 79,4 Mil/Trabalhador) apresentou produtividade do trabalho consideravelmente superior à média nacional. Os estados de **São Paulo** (R\$ 67,3 Mil/Trabalhador) e do **Paraná** (R\$ 63,2 Mil/Trabalhador) também se sobressaem frente à média nacional nessa análise, porém avançaram menos do que a média nacional nesse período.

Por sua vez, o estado do **Rio de Janeiro** apresentou o quarto maior indicador de produtividade do trabalho (R\$ 58,2 Mil/Trabalhador) do país. De fato, entre 2007 e 2016, a indústria de móveis fluminense teve o maior crescimento de produtividade do trabalho do setor no país: seu indicador mais do que duplicou nesse período (+103,5%), superando inclusive o patamar observado no Brasil como um todo (R\$ 57,6 Mil/Trabalhador) - **Gráfico 6**. Isso ajuda a explicar como a indústria de móveis fluminense logrou aumentar consideravelmente seu valor produzido e ganhar *market share* nacionalmente, a despeito da inércia no mercado de trabalho.

Gráfico 6: Evolução da Produtividade do Trabalho - RJ x BR - (em R\$ Mil/Trabalhador)



Fonte: PIA/IBGE | Deflator: IPA-OG - FGV

Cabe ressaltar que o aumento da produtividade do trabalho na indústria de móveis fluminense não implicou em um maior peso da folha de pagamento na estrutura de custos das empresas do setor. Isso é o que aponta a análise do **Custo Unitário do Trabalho (CUT)**, indicador que mostra quanto custa em termos de insumos de trabalho (salários, benefícios e encargos trabalhistas) gerar R\$ 1 de valor adicionado à produção.

De fato, entre 2007 e 2016, o custo unitário do trabalho do setor de fabricação de móveis fluminense recuou 22,2%, em contraste com o aumento de 13,7% observado a nível nacional. Além do **Rio de Janeiro**, apenas os estados da **Bahia**, **Espírito Santo** e **Santa Catarina** apresentaram redução no CUT, dentre os dez maiores mercados de trabalho do setor de fabricação de móveis do país. Em outras palavras, esses estados foram os únicos dentre os investigados onde os ganhos de produtividade do trabalho mais do que superaram o avanço nos dispêndios médios com remuneração e encargos.

A indústria de móveis fluminense apresenta custo unitário do trabalho similar ao observado no **Paraná**, e é superada apenas pelo indicador do **Rio Grande do Sul**, estados que novamente se distinguem na análise.

Tabela 10: Custo Unitário do Trabalho Real do setor de Fabricação de Móveis
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	2007	2016	Variação
RS	R\$ 0,44	R\$ 0,46	5,9%
PR	R\$ 0,44	R\$ 0,52	17,6%
RJ	R\$ 0,67	R\$ 0,52	-22,2%
SP	R\$ 0,47	R\$ 0,55	16,5%
BA	R\$ 0,61	R\$ 0,55	-10,5%
SC	R\$ 0,59	R\$ 0,58	-1,9%
ES	R\$ 0,72	R\$ 0,59	-17,8%
GO	R\$ 0,47	R\$ 0,62	32,4%
MG	R\$ 0,50	R\$ 0,68	35,1%
CE	R\$ 0,51	R\$ 0,72	39,6%
Brasil	R\$ 0,48	R\$ 0,55	13,7%

Fonte: PIA/IBGE | Deflator: IPA-OG - FGV

Na busca por uma melhor compreensão dos fatores que podem ter propiciado a melhora dos indicadores de desempenho da indústria de móveis fluminense, é preciso destacar o papel que os profissionais envolvidos na **gestão e no planejamento da produção**⁵ possuem na operação industrial. Esses profissionais vão de diretores a técnicos especializados que planejam a estratégia da produção, assim como garantem o funcionamento eficiente das linhas de produção e supervisionam o dia-a-dia da fábrica de móveis.

Nesse contexto, a análise evolutiva da concentração desses profissionais na indústria de móveis fluminense pode ajudar a explicar os ganhos de produtividade entre 2007 e 2016. Nesse período, o percentual das ocupações ligadas ao planejamento e à gestão da produção fluminense avançou de 0,9% para 2,7%, enquanto no Brasil como um todo essa razão aumentou de 1,4% para 2,2%. Entre os dez maiores mercados de trabalho da indústria de móveis brasileira, o percentual fluminense só é superado pelo **Rio Grande do Sul** (3,0%), estado que se destaca positivamente tanto na produtividade quanto no custo unitário do trabalho e tem ganhado gradativamente espaço no *market share* brasileiro.

⁵ Foram considerados nessa análise as seguintes ocupações: diretores e gerentes de produção e operações, diretores e gerentes de suprimentos e afins, gerentes de manutenção, engenheiro de produção qualidade, segurança e afins, técnicos de mobiliário, técnicos de planejamento e de controle da produção.

Esse movimento é um indício positivo de que a indústria de móveis fluminense tem investido mais no controle das operações industriais, e o resultado positivo nos indicadores de desempenho sugere que essa foi uma estratégia acertada.

Indícios de futuro: Atualização tecnológica

Entretanto, o alinhamento dos processos produtivos precisa ser apenas um primeiro passo em direção à maior profissionalização da indústria moveleira fluminense, caso contrário a melhoria observada nos indicadores de desempenho pode não ser sustentável no longo prazo. Isso porque para a estruturação de uma linha de produção integrada, altamente automatizada, com alta produtividade e elevado conteúdo tecnológico, é imprescindível o investimento na aquisição de máquinas e equipamentos e esta seção abordará esse tema.

Contudo, mensurar o tamanho do parque tecnológico de um setor industrial e seu grau de atualização é uma tarefa que esbarra em inúmeras dificuldades estatísticas e conceituais. As fontes oficiais são escassas e frequentemente não possuem visão estadual/setorial ou periodicidade adequada.

Na maioria dos casos, os dados sobre importação de maquinário são o único recurso disponível, e estes possuem suas próprias limitações metodológicas. No âmbito da indústria de móveis, a variedade de materiais trabalhados no processo produtivo (madeira, metal, plástico, tecidos, etc.) torna quase impraticável restringir o tipo de maquinário utilizado pelas empresas do setor. Mais do que isso, o maquinário utilizado por essas indústrias não é necessariamente exclusivo do setor de móveis.

Logo, analisar dados gerais de importação de determinados tipos de máquinas poderia levar a uma superestimação do real investimento em tecnologia industrial, uma vez que essas aquisições podem ter sido feitas por outros setores (como de produtos de madeira, produtos de metal, entre outros).

Partindo do pressuposto de que o investimento em capital humano é complementar ao processo de atualização tecnológica, optou-se por utilizar a concentração de profissionais de determinadas ocupações que atuam em empresas de fabricação de artigos de mobiliário como *proxy* para o grau de atualização tecnológica.

Em específico, foram considerados os profissionais que atuam diretamente na **usinagem**, ou seja, no processo de submeter a matéria-prima a uma transformação até que se torne uma peça específica, seja ela madeira, metal ou outros tipos de

materiais. Na produção de móveis, as operações de usinagem são muito importantes e decisivas para a geração de valor agregado no processo industrial, o que justifica o foco nesses trabalhadores na presente análise.

O processo de usinagem pode ser executado por máquinas-ferramentas convencionais ou CNC (comando numérico computadorizado). A utilização de máquinas CNC permite a usinagem de perfis de alta complexidade (em três dimensões, por exemplo), reduz o número de passos e operadores necessários no processo produtivo, diminuindo os erros humanos e agilizando e flexibilizando as linhas de montagem. A **Tabela 11** exibe a concentração dessas ocupações nos dez maiores mercados de trabalho da indústria de móveis brasileira e sua proporção em relação ao total de trabalhadores formais do segmento, contemplando a visão de operadores convencionais e CNC.

Tabela 11: Operadores de usinagem e sua participação no setor de Fabricação de Móveis
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor

UF	Operadores de Usinagem			Participação na Indústria de Móveis
	Convencionais	CNC	Total	
SC	3.454	277	3.731	13,6%
RS	2.285	675	2.960	8,4%
ES	330	29	359	7,5%
MG	2.069	84	2.153	7,0%
PR	1.718	423	2.141	6,2%
SP	1.816	479	2.295	4,3%
CE	57	69	126	2,1%
BA	90	2	92	1,4%
GO	48	35	83	1,2%
RJ	53	9	62	0,9%

Fonte: RAIS/MTE

Nessa análise, o Rio de Janeiro aparece em desvantagem tanto em termos absolutos quanto relativos. A indústria de móveis fluminense não apenas possui o menor contingente de profissionais registrados nas ocupações de interesse, como estes possuem a menor representatividade frente ao total de empregos do setor. O estado do Rio fica aquém inclusive de estados com uma indústria de móveis menor, como Espírito Santo, Ceará, Bahia e Goiás.

Quando analisamos apenas os profissionais registrados como operadores de máquinas por comando numérico, é natural que a força de trabalho agregada seja menor, uma vez que uma das vantagens desse tipo de tecnologia é justamente a exigência de menos profissionais. Não obstante, o registro de apenas nove operadores de máquinas

CNC no estado do **Rio de Janeiro** é um indício de que a adoção dessas tecnologias na indústria de móveis fluminense ainda é incipiente.

Como os dados analisados são estatísticas oficiais provenientes de registros feitos pelas próprias empresas junto ao Ministério do Trabalho, não se pode descartar que haja algum nível de subnotificação desses profissionais⁶, não apenas no Rio de Janeiro como em todos estados analisados. Dessa forma, a comparação com outras unidades da federação chancela a condição de desvantagem da indústria de móveis fluminense nessa análise.

Para se ter uma ideia, os estados brasileiros com maior volume de operadores CNC na fabricação de móveis são **Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná**, justamente os três maiores produtores de móveis do país e os estados que superam o estado do Rio em termos de produtividade do trabalho. Em conjunto, eles respondem por 72% dos operadores de máquinas CNC da indústria de móveis brasileira.

Cadeia de Fornecedores

A presença de uma cadeia de fornecedores de insumos dentro do próprio estado representa uma vantagem competitiva para a indústria local. Pois, deste modo, tem-se a possibilidade de redução dos custos operacionais nas aquisições de insumos e matérias primas, além de facilidades em termos de logística e tributação.

Em virtude da grande diversidade de produtos oferecidos e materiais utilizados, o setor de fabricação de móveis demanda insumos de diversos segmentos industriais em seu processo produtivo. Para essa análise, optou-se por focar nas matérias-primas principais dos fabricantes de móveis e colchões brasileiros, fornecidas pelas indústrias de madeira, químicos, material plástico, metalurgia e produtos de metal. Assim, definimos um rol de atividades econômicas desses segmentos que podem fornecer insumos para a fabricação de móveis - o **quadro 2** elenca as subclasses econômicas contempladas em cada categoria.

⁶ Há a possibilidade, por exemplo, de operadores registrados como convencionais terem migrado para a operação de máquinas CNC sem que houvesse atualização no registro profissional.

Quadro 2: Subclasses econômicas da cadeia de fornecedores da Indústria de Móveis

Produtos de madeira	
1621800	Fabricação de madeira laminada e de chapas de madeira compensada, prensada e aglomerada
Químicos	
2022300	Fabricação de Intermediários para Plastificantes, Resinas e Fibras
2031200	Fabricação de Resinas Termoplásticas
Material plástico	
2221800	Fabricação de laminados planos e tubulares de material plástico
Metalurgia	
2422901	Produção de laminados planos de aço ao carbono, revestidos ou não
2422902	Produção de laminados planos de aços especiais
2424501	Produção de Arames de Aço
Produtos de metal	
2592602	Fabricação de Produtos de Trefilados de Metal, Exceto Padronizados

Naturalmente, nem todos os estabelecimentos classificados nessas atividades econômicas são fornecedores (ou fornecedores exclusivos) da indústria de móveis. Contudo, a ausência desses estabelecimentos é indubitavelmente um limitador ao desenvolvimento do setor na região.

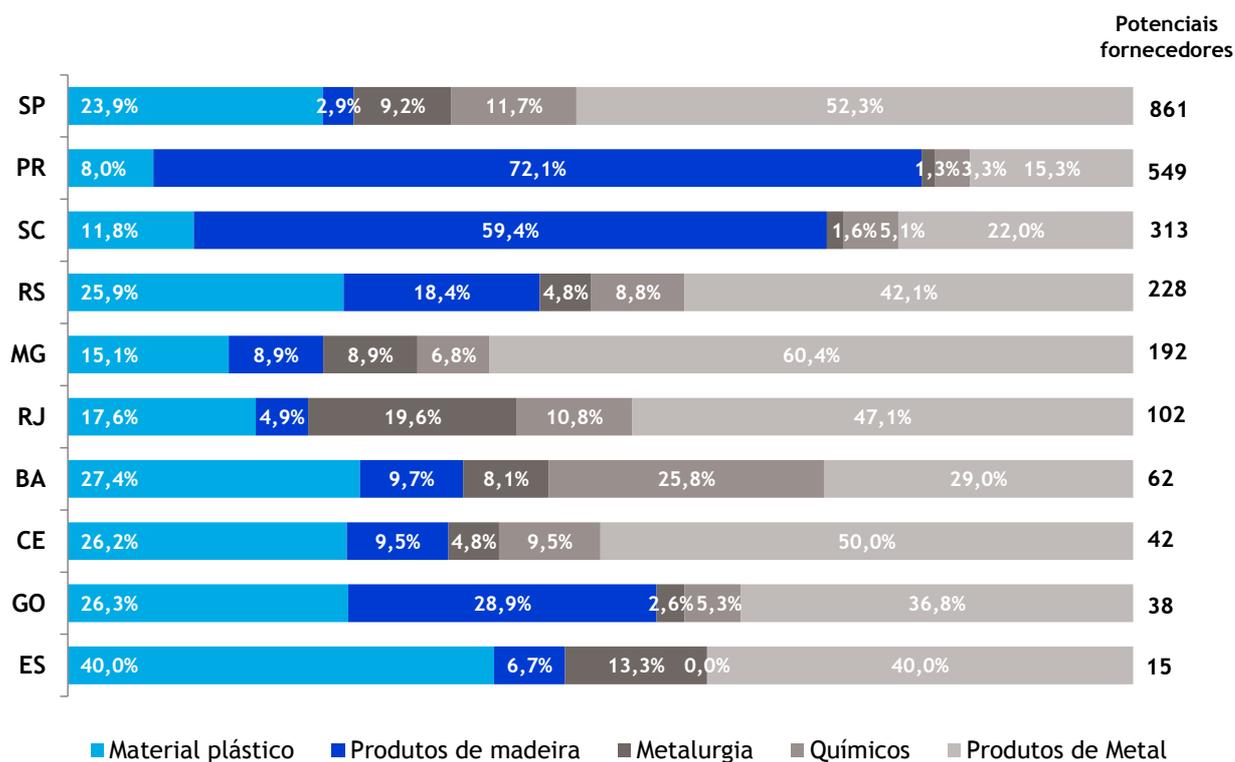
Partindo desse princípio, a proposta desta seção é investigar a variedade de potenciais fornecedores da indústria de móveis nos estados analisados e, a partir disso, buscar indícios de vantagens competitivas. Nesse sentido, o **gráfico 7** exibe a distribuição relativa das atividades econômicas de interesse, agrupadas segundo os grandes setores dos quais fazem parte.

Ao jogar luz sobre o estado do Rio nessa análise, a baixa concentração de fornecedores de produtos de madeira acende um sinal de alerta. É importante relembrar que 86,5% dos estabelecimentos formais da indústria de móveis fluminense atuam na fabricação de móveis com predominância de madeira, logo é plausível inferir que esse é o material mais demandado pelas indústrias de móveis do Rio. A despeito disso, em 2016 havia apenas cinco estabelecimentos formais atuando na produção desse tipo de produto no estado.

Essa realidade demanda um maior esforço por parte dos produtores de móveis de madeira do Rio, visto que certamente implica maiores custos em relação aos estados que concentram uma forte indústria de produtos de madeira. Ainda, impõe menor flexibilidade ao controle dos estoques dos insumos, pois a distância dos fornecedores eleva os prazos de recebimento dos mesmos e, em situações de falta de matéria prima, a empresa possui menor poder de barganha na negociação com os escassos fornecedores locais.

Esse cenário na cadeia de fornecedores do estado Rio contrasta principalmente com o observado nos estados que registraram maiores produções industriais de móveis, em especial o Sul do país e São Paulo: **Santa Catarina e Paraná** concentram 64,2% das indústrias de madeira do país e possuem uma enorme gama de fornecedores a disposição dentro do próprio estado, enquanto **São Paulo e Rio Grande do Sul** se beneficiam da menor distância geográfica com esses estados em comparação ao Rio de Janeiro.

**Gráfico 7: Distribuição dos Estabelecimentos da Cadeia de Fornecedores da Indústria de Móveis
10 Maiores Mercados de Trabalho do Setor**



Fonte: RAIS/MTE

Conclusões

O estudo apresentou um panorama recente sobre a evolução da indústria de fabricação de móveis fluminense e seus principais fatores de competitividade, além de elucidar conceitos sobre o que a diferencia ou a aproxima dos principais *players* do setor no Brasil. Nacionalmente, o setor é liderado por **São Paulo**, pelos **estados do Sul** do país e por **Minas Gerais**, que respondem por 83% do valor produzido e por 77% dos empregos com carteira assinada do segmento no Brasil.

Apesar do crescimento das importações nos últimos anos, a produção brasileira ainda se mostra competitiva no mercado doméstico, sobretudo quando analisada a pauta de importados, composta majoritariamente por itens que alimentam a própria indústria de móveis. Em contrapartida, a mudança no patamar do volume exportado sinaliza o encolhimento do mercado externo para os móveis brasileiros, o que provavelmente influenciou o menor crescimento (e em alguns casos, a redução) da produção de móveis nos grandes produtores e exportadores entre 2007 e 2016.

Nesse contexto, a indústria de artigos de mobiliário do estado do Rio de Janeiro ganhou espaço no panorama nacional, ainda que haja um longo caminho a trilhar para se aproximar do topo do ranking brasileiro. Com uma produção historicamente voltada ao consumidor interno, os fabricantes de móveis fluminenses praticamente não foram afetados pelo arrefecimento da demanda estrangeira, conseguiram dobrar sua produção em termos reais e tiveram sua participação no *market share* do consumo interno quase duplicada entre 2007 e 2016, superando quatro estados nesse movimento. Ainda assim o estado permanece pouco representativo no contexto nacional, sobretudo quando comparado aos cinco maiores produtores.

Esse crescimento veio acompanhado de uma transição no perfil da mão de obra do setor no estado. Mesmo que a fabricação de móveis de madeira ainda prevaleça, observou-se maior avanço dos trabalhadores atuando na fabricação de colchões e de móveis de metal, enquanto a fabricação de móveis de madeira e de outros materiais perderam participação. Esse cenário contrastou com o quadro observado nacionalmente, de relativa estabilidade na distribuição dos empregos entre as atividades.

Essa mudança também implicou em uma força de trabalho mais escolarizada - mesmo que o estado do Rio ainda possua indicadores de escolaridade abaixo da média nacional - e com maior presença de profissionais que atuam na gestão e no

planejamento dos processos produtivos, o que possivelmente contribuiu para a melhoria dos indicadores de desempenho da produção analisados nesse estudo.

A redução do peso dos móveis de madeira no mercado de trabalho fluminense pode ser vislumbrada também como um sintoma da cadeia de fornecedores de produtos de madeira no estado do Rio, que é praticamente inexistente. Essa realidade inclusive é um grande percalço para as indústrias de móveis de madeira no estado do Rio, especialmente considerando que são em sua grande maioria microempresas com menor poder de barganha e menor força para negociar prazos com fornecedores de outros estados, além de terem menor possibilidade de ganhos de escala na aquisição de insumos.

Outro “sinal de alerta” que precisa ser levado em consideração na análise do setor no estado é a presença de um parque industrial menos equipado e automatizado, o que pode se mostrar um limitador para a produtividade nas próximas medições, especialmente agora que o estado do Rio já superou a média nacional nesse indicador e aproximou-se dos grandes estados produtores.

Em síntese, a indústria de móveis brasileira é bastante concentrada em grandes estados produtores que se beneficiam especialmente de uma cadeia de fornecedores mais próxima e de um parque tecnológico mais desenvolvido. Nesse contexto, é desejável que o setor de móveis continue investindo na profissionalização da gestão da produção e busque viabilizar maiores investimentos em tecnologias, de forma a superar as limitações estruturais e continuar galgando espaço no mercado nacional.

Firjan SENAI
SESI
IEL
CIRJ

